

# Lições de jornalismo

ODIR CUNHA



*LIÇÕES DE JORNALISMO*

Copyright © 2017 by Odir Cunha

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

## **Summus Editorial**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	11
Fernando Portela	
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	17
<b>1 HUMILDADE</b> .....	19
Os copidesques do <i>Jornal da Tarde</i> .....	19
Johnny Black, um anjo Excelsior .....	21
O porteiro comentarista .....	23
Repórter fala com todo mundo .....	25
Repórter arrogante tem vida curta .....	27
Madre Teresa de calças .....	30
<b>2 RESPEITO</b> .....	33
Que estilo seguir? .....	33
Um conselho vital .....	35
Obedeça às leis .....	37
Horário é sagrado .....	39
Prazo é tudo .....	41
Brincadeira tem hora .....	43
<b>3 ISENÇÃO</b> .....	47
Qual é o nosso lado .....	47
Jornalista não é fã .....	49
Meritocracia .....	51
Sem panelinhas .....	53

Ouvir os dois lados . . . . .	55
Sem olhar a quem . . . . .	58
<b>4 PRECISÃO</b> . . . . .	61
A palavra mais doce . . . . .	61
Números não mentem – mas só os corretos . . . . .	63
Não confie na sua memória . . . . .	65
Desconfie até dos especialistas . . . . .	67
Escreva com o dicionário ao lado . . . . .	69
A precisão está nos detalhes . . . . .	71
<b>5 EMPATIA</b> . . . . .	75
Defederico na <i>Four Four Two</i> . . . . .	75
A volta de Serginho Chulapa . . . . .	77
Tubos e conexões . . . . .	79
O pão que deu frutos . . . . .	81
Na pele do <i>qualifier</i> . . . . .	83
De iates a <i>workaholics</i> . . . . .	86
<b>6 ABNEGAÇÃO</b> . . . . .	89
Você aceita trabalhar de graça? . . . . .	89
O indomável Borrachinha . . . . .	91
O feijão e o jornalismo . . . . .	93
Eterno estudante . . . . .	95
Um olhar para o futuro . . . . .	98
Valor versus valores . . . . .	100
<b>7 TÉCNICA</b> . . . . .	103
Pirâmide invertida . . . . .	103
No rádio esportivo, emoção conta . . . . .	105
Texto final . . . . .	107
Truques com imagens . . . . .	109
Já fui o Milton Neves . . . . .	111
Fantasma de carne e osso . . . . .	114

<b>8 CONHECIMENTO</b> .....	117
Dossiê, o maior reconhecimento .....	117
Uma entrevista com Rod Laver .....	119
Para uma boa cobertura .....	121
Escrever sobre Pelé .....	123
O prazer de descobrir coisas .....	125
Torne-se um especialista .....	127
<b>9 OUSADIA</b> .....	131
O cavaleiro Andrés Gómez .....	131
Andy Warhol e a Rainha .....	133
À espera de Amyr Klink .....	135
Tirem a mão desse homem .....	137
Um campeão impulsivo .....	139
Em busca do Prêmio Esso .....	142
<b>10 CRIATIVIDADE</b> .....	145
Ambiente criativo .....	145
Jorge de Souza falta ao ensaio .....	147
Assessoria de imprensa fora do padrão .....	149
Lourinaldo, Pequeno e eu .....	151
A arte do título .....	153
João Bosco cantando com Elis Regina .....	156

# Prefácio

## E o foca virou professor

JÁ QUE VAMOS FALAR bastante de humildade, que eu não me perca pela soberba. Mas devo dizer que, após do *Jornal da Tarde*, a definição de “foca” sofreu uma dicotomia: havia o foca, o normal, o estagiário, aprendiz de jornalista; e havia o foca do *Jornal da Tarde*.

Dois categorias dessemelhantes; antagonistas, quem sabe?

Nós, fundadores do *JT*, desde o segundo semestre de 1965, quando elaborávamos os números zero, formamos um grupo extremamente unido, consciente de que lançaria, mais do que uma grande novidade, uma surpresa na praça, o que acabou acontecendo. Por isso mesmo, nosso clube não estava aberto a aventureiros. Ou melhor, a não aventureiros. Há um caso exemplar de um hoje grande escritor que, naquela época, fez de tudo para trabalhar conosco – e não foi aceito. Não era o jornalista dos nossos sonhos; ele mesmo reconheceu, anos depois.

Redatores de texto gongórico não chegavam nem perto do sexto andar da rua Major Quedinho, no centro de São Paulo; assim como a maioria das estrelas de outros veículos, quase todas, para nós, inadequadas; mestres, reconhecíamos poucos, como Mino Carta, Murilo Felisberto e Ruy Mesquita, este último por ter a coragem empresarial, levemente suicida, de bancar aqueles garotos, quase todos por volta dos 20 anos – uma fauna meio estranha de (aparentemente) bem comportados, misturados a pré-hippies, cabeludos, exóticos em geral.

Não tínhamos a menor dúvida de que iríamos crescer, e muito, até porque a Edição de Esportes, embrião do *Jornal da Tarde*,

vendida nas bancas do centro de São Paulo nas noites de domingo, era muito bem recebida. O *JT* pegou fácil, com sua universalidade de sotaque paulistano – no nosso jornal, a cidade que nos abrigava era também maravilhosa. Dela, explorávamos segredos e virtudes, e, em troca, lhe interpretávamos o mundo.

No entanto, se nosso destino era crescer, dentro de um time fechado, iríamos trabalhar com quem? Resposta fácil: com os precursores de Odir Cunha, que chegaria ao jornal pouco mais de dez anos depois.

Quando ele apareceu, em 1977, já tínhamos expertise em matéria de focas. Dezenas de garotos, naqueles 11 anos de *JT*, haviam passado pelo jornal, e poucos ficaram. Eles não eram Odir. Não tinham a curiosidade inexperiente de Odir, seu verdejar imprescindível às necessidades do veículo, ou, o principal, sua humildade – e por isso ganharam um “até nunca” em pouco tempo. Odir, apesar das teorias recebidas na faculdade, um tanto obsoletas, era a cobiçada massa de modelar. Sem virtudes controversas e, sobretudo, sem vícios. Como não tinha pisado na rua, atrás de notícia, não sabia de nada. Moldá-lo era a nossa função, e eu fui um dos seus escultores.

Como chefe da reportagem Geral e depois editor, trabalhei anos com esses meninos e meninas e desenvolvi um olho clínico. Na primeira conversa, sacava, em primeiro lugar, quais equívocos absorvidos na escola dariam mais trabalho para corrigir. Desensinei muita coisa.

Odir, aliás, narra no livro sua primeira conversa comigo, quando ele veio com a história da “pirâmide invertida” do lide, técnica superada desde o começo dos anos 1960 pelo *Jornal do Brasil*, que nos antecedeu em matéria de inovação. Lembro que aquilo me deixava um pouco desolado: o *JB* e o *JT* já haviam destruído a “pirâmide invertida” há tanto tempo, e ainda havia acadêmicos conservadores, antiquados, dizendo aos alunos que jornalismo era aquilo.

De qualquer forma, ali estava aquele garoto, louco para aprender. Esperto, grudava em todo mundo, sugando o que lhe parecia

mais criativo. Quando o mandei de volta às fronteiras da periferia para colher dados que esquecera, não fez cara feia, não reagiu. Lembro bem dele na redação: só queria imitar os bons; perguntava o tempo todo e assimilava as respostas. Fazia exatamente o que eu mesmo fizera. No auge do *JT*, começo dos anos 1970, com dezenas de páginas para fechar, eu diagramava, freneticamente, uma página atrás da outra, e nem me lembrava de que, havia pouco tempo, não tinha a menor ideia do que fosse um diagrama, nem um lápis dermatográfico, para marcar fotos. Aprendi na mesa do diretor de Redação, Murilo Felisberto, assimilando seu desenho gráfico genial (o adjetivo é gasto, mas só ele define o talento da Rainha – como chamávamos o Murilinho, mais ou menos carinhosamente).

Na época, sempre havia mais páginas – resultado de uma enxurrada de anúncios – do que gente para enchê-las. Acontecia um boom na economia e começávamos a perder pessoal para outras publicações e agências de publicidade. Assim, os focos do *JT* tinham pouquíssimo tempo para revelar suas potencialidades – e lembro que Odir se aproveitou disso com astúcia. Foi pra rua ainda aprendiz – e não há melhor escola do que essa.

Costumávamos “batizar” meninas e meninos, inventando situações fictícias, bastante criativas, para constrangê-los, sob pretexto de torná-los mais espertos, ou talvez fôssemos sádicos mesmo – mas agora já passou. De qualquer forma, jornalista não pode ser ingênuo, acreditar no que dizem, tem de duvidar o tempo todo. Odir, garoto humilde, não precisou dessas lições extracurriculares. Pelo menos não lembro – ou ele não contou neste livro. O bullying era especialmente perverso para aqueles meio metidos. Posso garantir que esses batismos funcionavam como santos remédios para a maioria.

A humildade de Odir Cunha, tão apregoada por mim – e por ele –, merece mais algumas ponderações, para que não seja levada à categoria de sacerdócio. Não diria que fosse uma humildade de resultados, mas Odir não era exatamente um São Francisco das redações. Ele queria aprender e quem quer aprender não

perde tempo. E cultiva a ousadia. No dia a dia de um jornal não é muito inteligente reagir a ordens, inventar histórias, dissimular. É prejuízo industrial e, sobretudo, pessoal. Lembro-me de um foca que matou a mãe duas vezes e, claro, não vingou. O trabalho é muito, muito duro, e se você não sentir prazer de fazê-lo, melhor partir pra outra. Havia outro foca, logo no começo do *JT*, que se emocionava às lágrimas com o sofrimento dos vietnamitas na guerra. Tudo bem, muito tocante, mas ele não se adaptaria a um espaço em que a dor, a maldade e a injustiça são personagens renitentes. Virou vendedor de carros usados e ficou rico.

Acredito que este texto apresente, com a síntese possível, o Odir Cunha real, pois um jornalista progride na profissão, envelhece e se aposenta, mas mantém sua personalidade de foca, seu entusiasmo dos tempos em que reportava buracos de rua e atropelamentos; visitava plantões policiais; entrevistava loucos e homicidas no meio do povo; cochilava nos dias de plantão por causa de grandes tragédias, desastres naturais, mortes de celebridades.

O grande jornalista sempre foi um foca diversificado. Cometeu grandes erros, e ainda bem, porque o erro nessa profissão tem grandiloquência; as pequenas gafes ficam para os ociosos e desistentes. O *Jornal da Tarde* foi feito de grandes ousadias, algumas próximas do atrevimento. Mantinha-se, então, a essência do que havia dado certo e esquecia-se o resto. Recordo-me de um título sobre Tchaikovsky que era uma pauta musical. Os leitores adoraram.

Odir saiu pronto daquela redação. Virou *cópi*, editor, depois radialista. Chefe, supervisor, diretor. Fez revista, televisão, assessoria. Ele, que vivia atrás dos grandes titulistas, concebeu pérolas como o título de uma matéria sobre as finanças heterodoxas do técnico Wanderley Luxemburgo:

**Luxemburgo  
e mais um título.  
Protestado.**

Então, esse jornalista sênior, que para mim ainda é um menino, dá, agora, suas lições aos novos focas, usando seu velho estilo, de luminosa simplicidade, frases leves em que emprega “sujeito, verbo e predicado”, como eram definidos os textos comunicativos, antigamente. Odir escreve direto, reto, objetivo, olhando para a frente.

Este livro vai ajudar garotas e garotos que escolheram uma profissão complicada, porém fascinante, cada vez mais complexa em função das novas formas, ou mídias, mas no qual o talento sempre fez e fará a diferença.

E esse talento específico, essa fome de notícias, como Odir Cunha deixa muito claro aqui, é aptidão constitucional, atávica, você nasce com ela. Mas, se não souber como desenvolvê-la, será apenas mais um velhinho doce contando aos netos que o sonho de sua vida era fazer jornalismo.

*Fernando Portela*

# Apresentação

## Atalhos na carreira

REUNI NESTAS 60 HISTÓRIAS as lições mais importantes que aprendi e utilizei em minha profissão até meados de 2016.

Assim como sempre apreciei aprender com os mais experientes, espero que este livro encontre terreno fértil em estudantes e até mesmo em jornalistas profissionais interessados em trilhar alguns atalhos na carreira.

O fato de não ter permanecido muitos anos em uma mesma empresa e de não ter me dedicado à mesma tarefa jornalística acabou por me dar, acredito, uma vivência enriquecedora em várias mídias: do jornal diário às revistas, às rádios, às tevês e à internet, sem contar os livros, para mim também uma forma de fazer jornalismo.

Enfim, por mais que você conheça dessa profissão fundamental a todas as sociedades livres, acredito que aprenderá algo mais lendo as páginas desta obra que a Summus me envaidece ao publicar.

Boa leitura!

*O autor*

# 1 Humildade

QUALIDADE ESSENCIAL PARA APRENDER COM OS OUTROS;  
PARA SER EDUCADO ATÉ COM OS ARROGANTES E PARA SE COLOCAR NO  
LUGAR DE UM MERO INSTRUMENTO ENTRE A NOTÍCIA E O PÚBLICO.

## **OS COPIDESQUES DO JORNAL DA TARDE**

EM MEUS CURSOS SURPREENDO muitos alunos ao afirmar que a primeira qualidade de um jornalista é a humildade. Talvez esperassem algo mais sofisticado, como talento, criatividade ou cultura. É evidente que essas qualidades são importantes, mas, sem a consciência das próprias limitações e a vontade de trabalhar, humildemente, para superá-las, não se chega a lugar nenhum na profissão.

A partir do momento em que ficou claro para mim que eu não deveria me irritar com aqueles sujeitos com ar de superior que mexiam em meu texto, mas sim aprender com eles, tudo ficou menos complicado para mim. Entregava as laudas e permanecia ao lado dos cópis, vendo onde e por que alteravam o que eu tinha escrito. Até hoje não conheço meio mais rápido e eficiente de melhorar o texto.

O time de cópis do Esporte do *Jornal da Tarde* era muito bom, com Zuba, Nélio Lima, Moacir Japiassi, mas os dois com os quais consegui um canal franco de comunicação, além de uma boa amizade, foram o Pedro Autran Ribeiro e o Jéthero Cardoso. Ambos permitiam que, enquanto meu ônibus não chegasse, eu ficasse ao lado de suas máquinas, vendo por que rabiscavam minhas matérias.

Percebi que jornalistas mais experientes evitavam passar por aquela situação, para eles, provavelmente, constrangedora. Às vezes não era fácil mesmo ver a oração que lapidamos com tanto carinho,

e por tanto tempo, riscada sem cerimônia e trocada por outra menor e mais ágil. Bem, mas o resultado, ao menos nas mãos do Pedrinho e do Jéthero, era sempre melhor do que o texto original.

Se eu já respeitava muito o ofício deles, tive um melhor entendimento do que era ser cópi alguns anos depois, quando trabalhei nessa função na mesma editoria de Esportes do *JT*. Na verdade, não era tão difícil quanto parecia, pois enquanto um repórter escolhe um caminho para o texto entre milhões de variáveis o cópi só precisa solucionar o problema daquele universo restrito de palavras e informações colocadas no papel pelo repórter.

Logo entendi, também, que o bom trabalho do cópi não desmerece o do repórter. Ao contrário, ambos se complementam. O repórter propõe a linha do texto e seu encaminhamento, enquanto o redator apara as arestas, corrige as imperfeições e tenta ligar e harmonizar tudo. Quando os dois se entendem, o resultado final é bem interessante.

Creio que poucas vezes tenha discordado de alguma alteração feita pelos cópis do Esporte. Curiosamente, uma das raras oportunidades em que me revoltei com as indefectíveis mexidas em meu texto ocorreu na Geral, quando uma redatora, entre outras intervenções equivocadas, mudou para “barranco” a legenda de uma foto que mostrava uma valeta, mesmo termo, aliás, que eu já tinha usado na matéria. A foto podia até parecer um barranco, mas nesse caso o cópi, ou redator, tem de acreditar no repórter, aquele que vai à rua e traz a notícia. Em caso de dúvida, que acionasse o meu bip, aparelhinho eletrônico que às vezes me fazia descer do ônibus e procurar um orelhão para descobrir qual era o problema.

No geral, porém, minha dócil subordinação às suas orientações e meu esforço para seguir seus conselhos criaram um ambiente propício entre mim e esses profissionais e essa camaradagem contribuiu para o meu crescimento. Se eu ia embora mais cedo, sem ver como tinham mexido em meu texto, guardavam as dicas